

PARCEIROS



Patrocínio Master





Patrocínio





Copatrocínio











Institucional















Apoio de Mídia

















































Realização







Para sua terceira edição o Festival Ópera na Tela contribui novamente de maneira significativa para a ampliação dos repertórios culturais de crianças e jovens brasileiros, convidando alunos e professores para uma experiência singular: assistir a uma ópera no cinema.

Sob a supervisão educacional do Maestro Ricardo Prado reservamos aos nossos convidados quatro sessões gratuitas da ópera *A Flauta Mágica* de Mozart em uma produção fantástica dirigida por Peter Stein e regida por Adam Fischer, no Teatro Alla Scala de Milão.

A sessões acontecerão no Cinema Odeon, na Cinelândia, e serão introduzidas e comentadas pelo próprio Maestro Ricardo Prado.

Para acompanhar essa experiência tão especial, colocamos à disposição dos alunos e dos professores as seguintes ferramentas:

- um DVD destinado aos professores com trechos relevantes da obra;
- este caderno educativo, que contém:
 - informações sobre os principais aspectos do mundo operístico
 - uma apresentação da ópera A Flauta Mágica;
 - uma guia de escuta dos trechos escolhidos no DVD, para que os professores possam acompanhar e explicar a linguagem do compositor e as características da obra;
 - duas propostas pedagógicas para uma abordagem dinâmica e lúdica nas salas de aula

Este material é de acesso livre e também está disponível no site www.operanatela.com.br

ÓPERA: UMA ARTE TOTAL

No final do século XVI, poetas, músicos, gente do teatro e da nobreza se reuniam para criar uma nova arte que fosse capaz de contar grandes amores, grandes lutas, histórias de coragem e aventuras. Grandiosamente ambiciosa, essa arte precisava dar conta de representar tanto coisas violentas e trágicas, como também engraçadas e divertidas.

Para isso surgiu a ideia de reunir em um só espetáculo três outras artes: teatro, música e poesia. O teatro contribuiu com a ação e interpretação dos atores, cenários, figurinos, maquiagem e efeitos especiais. A poesia criou uma maneira de narrar a história de forma atraente e clara, capaz de revelar e provocar grandes emoções. E a música trouxe orquestras de instrumentos usados em teatros, igrejas e praças, os maiores coros e os melhores cantores.

Após a sua invenção a ópera se torno uma arte muito popular de uma forma muito parecida como se dá com o cinema nos dias de hoje. Seus autores eram famosos e bem-sucedidos, cantoras e cantores eram celebridades reconhecidas internacionalmente que viajavam o mundo inteiro.

A primeira ópera: Orfeu

A primeira ópera foi criada em 1607 pelo compositor Monteverdi. Foi um sucesso imediato. Orfeu conta a história de amor entre o grande músico Orfeu e a bela Eurídice, que morre ao ser picada por uma cobra venenosa. Inconformado, Orfeu decide ao reino dos mortos contando apenas com a beleza de sua música para trazê-la de volta à vida. Surpreendentemente ele tem sucesso. No entanto por contrariar as ordens do deus Hades, governante do mundo dos mortos, de não olhar para Eurídice antes que esta estivesse sob a luz do sol, sua amada cai morta novamente. Monteverdi sabia que o público não desejava voltar para casa triste e preferiu dar a história um final mais feliz: O deus da luz e da verdade, Apolo desce à terra para reunir Orfeu e Eurídice para sempre. Pronto, sucesso garantido!

COMO SE FAZ UMA ÓPERA?

É preciso responder muitas perguntas ao se montar uma ópera: Por onde começar? Como reunir todo o necessário para a produção? Quem vai comandar o espetáculo? Primeiro, é preciso decidir qual ópera será encenada. O repertório de óperas que já foram criadas é imenso mas outras histórias também precisam ser inventadas. Nesse caso a obra precisará ser encomendada a compositores e escritores - o primeiro será responsável por compor a música, enquanto o segundo escreverá o texto, que no mundo musical é chamado de libreto. Juntos, o compositor e escritor decidirão quais serão os momentos de ação - chamados recitativos - que quase sempre são alternados por momentos de reflexão, as árias. Recitativos dão conta do enredo, ou seja, nos contam uma ação que faz a história avançar. Enquanto as árias são canções que transmitem os sentimentos dos personagens.

UM TRABALHO EM EQUIPE

A ópera é uma arte criada coletivamente, um trabalho em grupo. A primeira tarefa é conhecer profundamente a ópera selecionada. Ela deve ser estudada por todos os participantes do processo de encenação – maestro, cantores, coro, orquestra, figurinista, cenógrafo, coreógrafo, diretor de cena, enfim, todos mesmo. Mas não basta estudar apenas a história da ópera, é preciso estudar também a biografia dos seus autores assim como a época em que ela foi composta para que se possa identificar e compreender a fundo a ideia central que a obra transmite. Essa é a primeira etapa do que se chama interpretação: o que se entende de uma obra e como comunicar essas ideias e sentimentos ao público - afinal, tudo se dirige a ele.

O diretor de cena pensa em cada personagem e a forma como eles se relacionam entre sí. Como agem? Como se movimentam? Quais são os sentimentos por trás de suas atitudes? Quais são seus afetos em relação aos demais personagens? A partir disso o diretor ensaiará todos os que atuarão no palco, orientando-os a partir dessas premissas sem esquecer que o canto é fundamental ao espetáculo. Já o coreógrafo preparará os bailarinos, elaborando os movimentos físicos de todos em cena, caso a dança também faça parte do espetáculo. O cenógrafo será responsável pela criação dos cenários e demais objetos de cena e geralmente trabalha em conjunto com o iluminador, que por sua vez cria para cada momento do espetáculo as cores e as luzes ade-

quadas ao sentimento que se quer transmitir ao público. O **figurinista** é o responsável pela concepção do figurino de todo o elenco e trabalha em colaboração com maquiadores e cabelereiros que também são responsáveis por construir o aspecto físico de cada personagem. Recentemente, outras técnicas vêm sendo incorporadas à produção operística, como projeções de vídeos, grafismos e fotografias, além de efeitos especiais cada vez mais sofisticados.

Todas estas concepções passam, em seguida, pelo trabalho minucioso de técnicos e operários responsáveis por tirar todas essas ideias do papel. **Cenotécnicos** constroem os cenários e as estruturas de palco; costureiros, peruqueiros, aderecistas, eletricistas, marceneiros, contrarregras - um verdadeiro exército de profissionais muito especializados darão vida ao que, até então, não passava de ideias, desenhos e cálculos.

IUNTAR AS PECAS DO QUEBRA-CABECA

Todas as peças deste imenso quebra-cabeça precisam ser encaixadas. Na etapa de montagem o espetáculo ganha forma a partir do encadeamento das sequências narrativas que darão forma ao mais importante para a ópera: o seu conjunto. Os artistas passam das salas de ensaio para o grande palco do teatro onde o espetáculo irá acontecer. O diretor de cena faz as marcações no espaço real, o Iluminador faz os primeiros testes de luz, a cenografia vai sendo montada. Agora, a orquestra ocupa um novo lugar: o fosso, um espaço mais baixo do palco que pode ser visto apenas pelo maestro e de onde a música ressoa quase como mágica. A todo momento o ensaio é interrompido para a realização de correções, ajustes, até mudanças mais substanciais em relação ao plano inicial.

O ESPETÁCULO VAI COMECAR

Quando todos os elementos estão afinados, uma outra equipe já está a postos para atender às muitas exigências da maior e mais importante parte de um teatro de ópera: o público. As pessoas interessadas em assistir o espetáculo compram seus ingressos nas bilheterias e se arrumam para ir ao teatro, onde serão recebidas por uma equipe de recepcionistas que as orientam até os seus lugares em um dos diferentes departamentos da plateia. A brigada de incêndio está sempre a alerta para evitar acidentes. Três sinais sonoros avisam que o espetáculo vai começar. As luzes se apagam devagar. O público faz silêncio. A orquestra que até então estava afinando seus instrumentos, está agora a postos esperando apenas a cortina se abrir e o maestro dar o sinal de que a ópera vai começar!

Fábrica de espetáculos e magia

Atrás, abaixo e acima do palco de um teatro de ópera existe uma gigantesca estrutura que o público não vê. Em geral, ela é maior e mais complexa do que em qualquer outro teatro. Todo o palco, e até o fosso da orquestra, está montado sobre poderosos elevadores que podem - silenciosamente - movimentar qualquer das suas partes acima ou abaixo do seu nível padrão. No alto, há motores e guindastes capazes de levantar estruturas, cantores e bailarinos. Lá, também estão as varas, todas elas móveis, que sustentam a iluminação. Quase tudo está interligado por passarelas por onde os técnicos operam diversos mecanismos - uma infinidade de equipamentos que podem produzir fumaça, vento, efeitos sonoros de tempestades, trovões, explosões, sons de animais e o que mais a imaginação dos diretores exigir.



A MÚSICA NA ÓPERA:

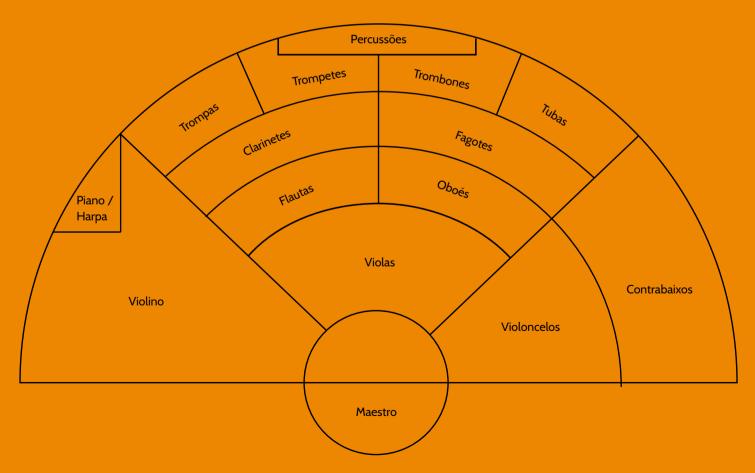
Os elementos que convertem ópera em música são: a orquestra sinfônica, o maestro e os cantores.

A COMPOSIÇÃO DA ORQUESTRA SINFÔNICA

Uma orquestra é um conjunto musical formado pelas quatro famílias de instrumentos musicais, são elas:

- As cordas, formada por violinos, violões, contrabaixos, pianos, dentre outros;
- As madeiras: flauta, oboé, clarineta e outros instrumentos cujo o som ressoa a partir da vibração de uma paleta feita de madeira;
- Os metais composta também por instrumentos de sopro tais como trompete, trombone, trompa, tuba e afins;
- As percussões, formada por instrumentos cujo som é atingido a partir de instrumentos que precisam ser percurtidos, ou seja, batidos, rapa dos, agitados ou friccionados para que o som seja produzido. São eles: prato, tambor, caixa, xilofone, chocalho, ganzá e etc.

Todos eles são comandados por um maestro. O número de músicos que compõe cada família da orquestra não é fixo. Na verdade, é a partitura da peça a ser interpretada que determinará o número de instrumentistas necessários e a formação da orquestra. Sendo assim, para uma determinada obra, a orquestra poderá contar com uma família de sopros composta por flautas, oboés, clarinetas e fagotes, por exemplo, enquanto para outra obra ela precisará ser ampliada incorporando o flautim, o corne inglês, o clarinete baixo ou o contrafagote.



O MAESTRO

Um maestro é um músico encarregado de coordenar o conjunto dos instrumentistas. Sua tarefa consiste, tecnicamente, em tornar o conjunto dos músicos coerente com seus gestos, sobretudo impondo a eles um ritmo comum. Ele também regula o equilíbrio das diversas massas sonoras da orquestra. Artisticamente, a tarefa de orientar a interpretação das obras é dele, um processo que se estende a partir da escolha do repertório do primeiro ensaio até a representação final.

OS CANTORES: VOZES E TESSITURAS

Os diferentes registros da voz humana se adaptam a diferentes gêneros de personagens. A escolha que o compositor faz é muito importante para que o papel interpretado pelo cantor seja crível.

Vozes femininas

Soprano: É a voz feminina mais aguda. No entanto é capaz de apresentar características variadas dentro dessa classificação. A soprano "coloratura" é capaz de fazer vocalizes rápidos e atingir agudos extremos. Em geral, interpretam papéis de feiticeiras, de bonecas, de personagens encantados vinculados ao sobrenatural e ao mundo dos deuses ou mítico. A soprano "lírica": uma voz clara e expressiva que se adapta a interpretar moças apaixonadas e românticas. Já a soprano "dramática" tem um tom obscuro, aveludado, ideal para interpretar personagens mais sérios e maduros como rainhas e mulheres orgulhosas. Um dos mais famosos papéis interpretados por uma soprano é a Rainha da Noite da obra *A Flauta Mágica*. Sopranos famosas: Nathalie Dessay, Maria Callas, Renée Fleming.

Mezzo-soprano: É a voz feminina que está na média entre agudo e grave. A voz de mezzo se adapta aos personagens de garotos, de mulheres sedutoras ou personagens com características trágicas. A Carmen, papel principal da ópera de mesmo nome, é uma das personagens mais famosas interpretadas por uma mezzo-soprano.

Mezzo-sopranos famosas: Cecilia Bartoli, Anne Sophie von Otter. Contralto: É a voz feminina mais grave. Geralmente personifica babás, velhas senhoras ou guerreiras, como Erda, na Tetralogia de Wagner. Contralto famosas: Nathalie Stutzmann, Janet Baker.

Vozes masculinas

Tenor: É uma das vozes masculinas mais agudas (há uma voz ainda mais aguda ainda: a de contratenor). Segundo o tom e a característica da voz, distingue-se o tenor "leve", "lírico" ou "dramático". Em geral, é a voz do tenor que encarna os heróis na ópera. Tenores famosos: Roberto Alagna, Luciano Pavarotti, Placido Domingo, dentre outros. **Barítono:** É a voz masculina média, que está entre a aguda e a grave. Os papéis atribuídos ao barítono são, por exemplo, o Conde Almaviva (*As Núpcias de Figaro*), Barba-Azul, Falstaff, Pelleas.

Barítonos famosos : Dietrich Fischer-Diskau, José Van Dam.

Baixo: É a voz masculina mais grave. Em geral os baixos encarnam personagens terríveis, como demônios, homens maus, e às vezes também representam a voz de Deus. Podem encarnar também personagens tranquilizadores como bons pais de família. Basses famosos: Maxim Mikhailov, Kurt Moll, Samuel Ramey.





A FLAUTA MÁGICA

A HISTÓRIA

Esta obra tem como contexto as terras imaginárias em uma época distante. A misteriosa Rainha da Noite lamenta a perda de sua filha Pamina, raptada pelo poderoso Sarastro, grande sacerdote de Isis e Osíris. A obscura rainha encanta o astuto príncipe Tamino que, apaixonado pela imagem da princesa, embarca em uma missão para salvá-la. Tamino, mais ou menos acompanhado por seu atrapalhado companheiro Papageno, deverá enfrentar muitas provações – manter silêncio, atravessar a água e o fogo – antes de ser iniciado no culto sagrado e finalmente resgatar Pamina.

O ARGUMENTO

Ato I

Tamino é salvo de uma serpente por Três Damas que, impressionadas por sua beleza, informam o fato à Rainha da Noite. Papageno planeja capturar donzelas em sua gaiola de pássaros guando ouve sobre a serpente. Ele diz tê-la estrangulado, mas as Damas trancam sua boca com um cadeado por mentir. Ao ver um retrato de Pamina, Tamino se apaixona pela filha da rainha da noite. Ela lhe diz que poderá conquistar a princesa caso seja capaz de resgatá-la das mãos do monstro Sarastro. Tamino recebe uma flauta mágica para ajuda-lo em sua missão e Papageno, sinos de prata. No castelo de Sarastro, o mouro Monostatos se enfurece com a rejeição de Pamina. Reconhecendo-a, Papageno revela a paixão de Tamino por ela. Juntos, Papageno e Pamina sonham encontrar o amor. Enquanto isso, Tamino resolve enfrentar Sarastro. Vozes anunciam que Pamina está viva e ele atrai os animais com sua flauta para ajudá-lo. Monostatos captura Pamina e Papageno, mas os sinos deste fazem o mouro e os escravos dançarem descontroladamente. Sarastro chega em uma carruagem puxada por leões e Pamina lhe fala sobre o mouro cruel, mas ele alega que não pode permitir que ela retorne para a sua terrível mãe. Monostatos traz Tamino à força para dentro do castelo, e os dois apaixonados se reconhecem. Sarastro decide então testá-los para aceita-los em sua fraternidade.

Ato II

Tamino se dispõe a lutar pela amizade e o amor, embora tenha que obedecer a regra de não possa dirigir uma só palavra a Pamina. A Rainha da Noite reaparece e recomenda a filha que mate Sarastro com um punhal. À saída da Rainha, Monostatos assedia Pamina novamente. Papageno ignora a ordem de Tamino de manter-se calado e uma bruxa velha lhe oferece água. Ela diz ter 18 anos e dois minutos, chama Papageno de seu namorado e desaparece. Tamino e Papageno recebem alimentos. Enquanto Papageno se entrega alegremente ao banquete, Tamino chama Pamina com sua flauta, no entanto ela se mostra inconsolável pensando que ele a ignora por não poder falar com ela. Enquanto isso Papageno diz contentar-se apenas com um pouco de vinho e "uma mulherzinha". A bruxa reaparece para ele e lhe oferece uma escolha: casa-se com ela ou ficará eternamente em cativeiro. Ele aceita casar-se com ela, apesar de certa relutância, e ela então se transforma em Papagena. Mas nem tudo está resolvido: ele ainda não é digno dela. Nesse meio tempo Pamina estava prestes a cometer suicídio auando descobre que Tamino ainda a ama. Os dois ainda precisam passar por uma série de testes, mas, juntos, triunfam sobre as chamas e enchentes. Papageno tenta tocar sua gaita para atrair Papagena, no entanto esta só reaparece ao soar dos sinos de prata. Monostatos se une à Rainha da Noite e os dois desaparecem ao alvorecer. Finalmente, Tamino e Pamina aparecem ao lado de Sarastro, em trajes sacerdotais. Eles agradecem aos deuses do antigo Egito Íris e Osíris, por recompensarem a beleza e a sabedoria.

Personagens principais:

TAMINO (tenor): jovem príncipe

PAMINA (soprano): filha da Rainha da Noite PAPAGENO (barítono): caçador de passarinhos PAPAGENA (soprano): futura mulher de Papageno RAINHA DA NOITE (soprano): rainha maléfica SARASTRO (baixo): grande sacerdote de Isis e Osiris

MONOSTATOS (tenor): criado de Sarastro



MOZART E A FLAUTA MÁGICA

Wolfgang Amadeus Mozart foi um brilhante compositor austríaco, considerado um dos maiores gênios da música de todos os tempos. Sua imensa capacidade musical foi demonstrada desde a infância: Mozart se apresentava em toda a Europa tocando violino e cravo aos 4 anos de idade e começou a compor aos 5. A pesar de ter tido uma vida breve (morreu aos 35 anos), ele criou mais de 600 obras em praticamente todos os gêneros musicais da época: sinfonia, concerto, música de câmara, música sacra e ópera.

Mozart era apaixonado pela obra A Flauta Mágica, sua ópera favorita, e ficou orgulhoso com o sucesso que ela conquistou. Infelizmente, morreu pouco mais de dois meses após a estreia. Mozart e seu libretista, Schikanader, criaram uma obra capaz de interessar a todos - crianças, jovens e adultos. Ela se passa em um lugar e um tempo indefinidos, e mostra rituais estranhos com significados ocultos. Apresenta muitos personagens que não parecem saber quem são, onde estão indo ou o que farão quando chegar lá. E como não se trata de uma história do bem contra o mal, fica difícil dizer quem é quem! Tudo ali parece tão louco e confuso como a própria a vida. Talvez seja por isso que A Flauta Mágica tenha sido tão popular por mais de 200 anos.





3, um número mágico

O número 3, símbolo da revelação divina, da Trinidade dos cristãos e do Céu dos taoístas, tem um papel maior nos rituais maçônicos e nos contos de fadas. Portanto, sua constante presença na Flauta Mágica não surpreende. A abertura começa com três acordes poderosos, o tema musical é composto por estrofes que são repetidas três vezes, e um acordo triplo preceda as palavras de Sarastro quando ele aponta as três qualidades de Pamino (virtude, discrição e caridade). Além disso outros personagens, elementos e ações importantes são apresentados em séries de três: três damas, três meninos, três sacerdotes, três templos e, finalmente, três desafios que Tamino deverá enfrentar.

GLOSSÁRIO DA ÓPERA

ABERTURA: Peça instrumental que introduz uma obra de grande desenvolvimento, como uma ópera, uma cantata ou um oratório.

AGUDO: Som de altura elevada, com elevado número de vibrações por segundo.

ARGUMENTO: Resumo do enredo de uma ópera ou obra dramática.

ÁRIA: Melodia cantável, ou trecho incluído numa ópera, por exemplo, cantado em solo com acompanhamento instrumental.

BEL CANTO (ITAL): Maneira de cantar e estilo de composição entre o sec. XVII até às primeiras décadas do sec. XIX na Itália.

BIS: No fim de um refrão, significa que se canta duas vezes. No fim de um concerto, é quando o público pede a repetição de um trecho.

BUFFA: Expressão italiana para designar as diversas formas de comédia na ópera. Se aplica a temáticas cômicas.

CORO: Grupo de cantores que executam, em conjunto, obras musicais, a uma ou várias vozes diferentes.

CRÍTICO: O crítico é um profissional dedicado a formar e a comunicar uma avaliação, e ou reflexão, sobre obras de diversas formas de ar como a música, o teatro, o cinema, a literatura, a danca, etc.

FOSSO: Espaço mais baixo que o palco, de onde apenas o maestro pode ver o que está acontecendo no palco, e de onde a música soa quase como mágica.

INTERLÚDIO: Pequena peça instrumental apresentada entre duas cenas ou atos de uma ópera, que tem o objetivo de preencher o vazio gerado pelo fechar do pano.

LIBRETO: Texto que permite ao espectador ler os diálogos cantados e /ou falados de óperas e outras obras musicais. Quem escreve o libreto se chama libretista.

LIED: Palavra alemã que designa um texto poético cantado, com acompanhamento de piano.

MAESTRO: Diretor musical de um coro ou de uma orquestra. Ele veste um terno chamado fraque e dirige os intérpretes com uma batuta na mão.

ORQUESTRA: Conjunto de instrumentos musicais agrupados por famílias (ver desenho).

PARTITURA: Representação gráfica do conjunto de sons e silêncios que compõem uma obra musical.

PIANO: Palavra italiana que designa uma nuançe de intensidade sonora que significa "suave". Seu contrário é o "forte".

PRELÚDIO: Introducão musical de uma ópera.

RECITAL: Concerto realizado por um só intérprete ou um grupo reduzido.

RECITATIVO: Parte de uma obra que valoriza especialmente o texto e que, nas óperas, antecede uma ária.

SERIA: Designa uma ópera séria, nobre, geralmente baseada em um libreto histórico ou mitológico. Esse tipo de ópera tem muitas árias de solistas e expressa paixões.

SINFONIA: Obra orquestral de grandes dimensões e que não valoriza um instrumento em particular.

SINGSPIEL: Forma de teatro musical de língua alemã muito tradicional e popular. Ao contrário da ópera, seus diálogos são falados ao invés de cantados. Os temas são em geral cômicos ou românticos.

TIMBRE: Característica do som que permite distinguir um instrumento ou uma voz, mesmo quando dão notas da mesma altura. Deve-se a forma como o som é produzido.

TUTTI: Secção executada por todos os músicos.

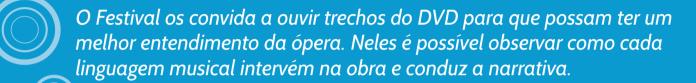
VOCALIZE: Exercício vocal que não representa palavras, mas sílabas que são repetidas em diferentes alturas e geralmente são realizados para aquecer as cordas vocais dos cantores.

GUIA PARA OS PROFESSORES

A Flauta Mágica é um Singspiel (alterna diálogos falados e episódios cantados) que se organiza num encadeamento de diferentes árias, duos, conjuntos ou coros. É uma obra composta pela síntese das linguagens utilizadas por Mozart ao longo de sua carreira de compositor. A partitura incorpora sucessivamente: vocalizes acrobáticos do estilo seria, a leveza do tom do estilo buffa, o lied popular e até o coral religioso. Dramaticamente, dois outros registros de escrita se juntam a isso: o estilo feérico e sua escritura vocal encantadora e o estilo sentimental característico dos apaixonados mozartianos. No entanto toda essa liberdade de estética nunca se mostra dispersa, a tal ponto que a obra se mostra coerente em sua unidade. Pois, de fato, é a situação dramática que, conduzida de forma sempre fluida e natural, convoca a linguagem musical mais adequada.

EFETIVO ORQUESTRAL

A orquestra de A Flauta Mágica é composta por um púlpito de cordas, por duas flautas, um flautim, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas de caça, duas trompas, dois trompetes, dois trombones, dois timbales e um glockenspiel. Para executar a partitura de A Flauta Mágica na Opéra Théâtre, 41 instrumentistas fizeram parte da orquestra.



GUIA DE ESCUTA

Escuta 1 - Abertura

Estamos no teatro Alla Scala de Milão, na Itália, um dos mais famosos palcos do mundo. O público já chegou e o maestro se apresenta aos músicos da orquestra no fosso, sendo recebido com muitos aplausos. Começam a tocar a Abertura: uma música puramente instrumental, sem cantores. Quando ela termina, os primeiros cantores chegam ao palco e o espetáculo tem início. A Abertura de *A Flauta Mágica* começa com uma ária calma (um Adágio) sendo seguido por ritmos mais vivos (Alegro). O único tema, misterioso e ao mesmo tempo alegre, é interpretado em fuga – as frases musicais se repetem logo após já terem começado, sobrepondo-se umas às outras.

Escuta 2 - Ária de Papageno (Ato I)

Essa primeira ária de Papageno permite a apresentação do personagem: um passarinho "sempre alegre, conhecido dos jovens e velhos em todo lugar". A estrutura é clara, um refrão orquestral introduz cada uma das três estrofes cantadas por Papageno. Vamos observar a intervenção das trompas que acentuam as três notas fortes, tanto no refrão orquestral quanto na parte cantada. A inclusão da flauta, no registro agudo, em colcheias triplas, permite a materialização musical de um

elemento cênico: o apito que Papageno tem no pescoço, evocando com seu timbre aéreo a presença dos pássaros. O material musical é de inspiração popular, sobretudo com o "hopsasa" (= tralálá), mas também pela própria construção, em três estrofes musicalmente idênticas (nas quais só o texto muda), então facilmente memorizáveis, a tal ponto que inúmeros espectadores saem da sala cantarolando a melodia, e o próprio Mozart a assoviava em seu leito de morte. Por todos os elementos citados, essa ária de Papageno se aproxima do lied popular.

Escuta 3 - Ária de Tamino (Ato I)

Essa ária de Tamino é a única da partitura, junto com a de Pamina, a se inserir no estilo lírico. No entanto, Mozart não procura de forma nenhuma torná-la virtuose, ao contrário, a apresenta como uma espécie de romance apaixonado, pudico e intimista. O perfil de Tamino é bastante evidente, estamos na presença de um jovem sentimental que recém despertou para o amor. Inclusive, a escrita temática é particularmente adaptada ao estado de espírito do personagem. Assim como o sentimento de paixão que se desenvolve, a ária avança permanentemente e se desenvolve com muita naturalidade, sem repetições. Depois de se questionar duas vezes: "Esse sentimento seria amor?", Tamino reconhece que "sim, só pode ser amor". O amor, que ele repete três vezes, e mais uma última vez enfeitando a melodia com

um grupetto elegante com efeitos particularmente românticos. E é a orquestra, num tema ascendente de violinos, que ilustra a escalada da paixão seguida de um verdadeiro sofrimento, marcado por colcheias duplas entrecortadas por breves silêncios. Por todos os elementos citados, essa ária de Tamino se insere no estilo sentimental.

Escuta 4 a 7 - Várias árias sobre a magia (Ato I)

- Apresentação das três damas da flauta mágica e dos Sinos, com a chegada das três criancas
- As três criancas guiam Tamino até o Templo
- Tamino encanta os animais com sua flauta
- Papageno faz os escravos dançarem com seus sinos

A flauta de ouro que as Três Damas dão a Tamino em nome da Rainha da Noite (Ato I, cena 8) é uma flauta mágica, "talhada no fundo de um carvalho milenar" como Pamina explicará mais tarde. Os sininhos de prata que Papageno recebe (Ato I, cena 8) também são atributos mágicos. Finalmente, a serpente que surge já na cena de abertura (Ato I, cena 1) simboliza as forças maléficas do reino da Noite do qual Tamino tenta escapar durante a história. Cada uma das três pessoas simboliza uma etapa na trajetória iniciática de Tamino. As Três Damas se apresentam como as forças tentadoras e, assim, maléficas (mundo subterrâneo, trevas), os Três Meninos como guias (mundo terrestre) e, finalmente, os Três Sacerdotes, como seres superiores devido a sua sabedoria (mundo celeste).

Escuta 8 - Coro de Sarastro e dos Sacerdotes (Ato II)

Essa primeira ária de Sarastro se apresenta como uma oração a Isis e Osíris, para que protejam Tamino e Pamina durante as provações. A própria estrutura dessa oração em duas estrofes iguais, cortadas com a resposta do coro, parece música litúrgica. Dramaticamente, o tom apresenta uma gravidade surpreendente até então inexplorada na partitura. O andamento adágio, a dinâmica piano, a orquestração nobre constituída apenas por cordas graves e que privilegia as madeiras, a linha melódica que atinge por três vezes o fá grave: tudo expressa uma enorme solenidade.

Por todos os elementos citados, essa ária de Sarastro se aproxima do coral religioso.

Escuta 9 - Quinteto Tamino, Papageno e as Três Damas (Ato II)

Vindas para avisar a Tamino e Papageno para tomarem cuidado com Sarastro, as Três Damas tentam dissimular sua manipulação com um canto em tom de encantamento. Aterrorizado, Papageno rompe imediatamente seu voto de silêncio. As intervenções cruzadas dos diferentes protagonistas dão lugar a uma escalada da estratégia da parte das mágicas, alternando uma palração muito rápida e hipnótica com grandes frases líricas encantadoras. Mas quando os sacerdotes surgem, apoiados do tutti orquestral, para anunciar que o templo foi pro-

fanado, o trovão ruge, mobilizando todos os metais e as percussões. Por todos os elementos citados, esse quinteto se inscreve no estilo feérico.

Escuta 10 - Ária de Monostatos (Ato II)

Essa ária breve e bem desenvolvida apresenta o personagem de Monostatos de forma estranhamente atraente. Não se trata mais do virulento servidor de Sarastro, mas de um homem que apenas deseja conhecer o amor. Assim, a leveza do tom está no próprio texto, onde esse homem moreno confessa sentir atração pela pele alva. O frenesi apaixonado do personagem convoca um tema que segue em ritmo progressivo acompanhado por cordas em colcheias duplas. Já a linha vocal é particularmente simples e divertida, centrada em torno do Dó e num ritmo saltitante, antes de subir de volta ao mesmo Dó. Finalmente, o tratamento vocal, em voz baixa, também participa da leveza do tom, assim como o refrão orquestral, distraído.

Por todos os elementos citados, essa ária de Monostratos revela o estilo buffa

Escuta 11 - Ária da Rainha da Noite (Ato II)

Essa famosíssima ária é certamente a mais conhecida do compositor e merece tratamento especial. De fato, ela é reconhecida justamente por seu registro de agudo extremo e a proeza vocal que sua interpretação requer. Não obstante essa ária é geralmente mal compreendida. Os vocalizes da Rainha da Noite, apesar de límpidos e aéreos, não visam uma forma de suavidade ou leveza, muito pelo contrário! Eles tem conotação demoníaca e expressam um desejo de vingança. Numa terrível chantagem afetiva, nessa ária a rainha mandar sua filha assassinar Sarastro. A escrita musical representa um furor característico da ópera seria : brevidade fulgurante, vocalizos vertiginosos, amplos ambitus. Mesmo o registro superagudo, em geral evocador de uma natureza florescente, tem aqui uma coloração particularmente glacial e perturbadora.

Por todos os elementos citados, essa ária da Rainha da Noite é representante do estilo seria.

Escuta 12 - Duo Papageno & Papagena

Esse duo é composto por passarinhos muito famosos e divertidos, Papageno e Papagena, que, logo que se conhecem já imaginam ter belos filhos juntos. Eles tiram sua característica musical daqui e de lá; do estilo sentimental, com sua escrita vocal às vezes suave demais, mas também do estilo buffa, pela própria situação e o uso das famosas onomatopeias que os tornaram famosos.

Escuta 13 - Final

Chegamos à última cena. Tamino e Pamina aparecem ao lado de Sarastro, em trajes sacerdotais. Eles agradecem aos deuses do antigo Egito Íris e Osíris, por recompensarem a beleza e a sabedoria.



O Festival propõe duas animações pedagógicas para uma abordagem dinâmica e lúdica nas salas de aula.

ANIMAÇÃO 1 - O PERSONAGEM ENCANTADO: DA MAGIA AO EXOTISMO

Objetivo: Identificar e entender o uso do registro encantado na ópera com um estudo dos personagens de *A Flauta Mágica*. Ferramentas: Argumento de *A Flauta Mágica*, pesquisas iconográficas, seleção de trechos no DVD. Palavras-chave: Encantado, magia, exotismo.

Em qualquer época, o gênero da ópera se apegou não só em recriar no palco e na música as grandes glórias da nossa civilização, as histórias mais romanescas e apaixonadas, mas também a criar, inventar ou reinventar algo para encantar o espectador, transportá-lo da sala de representação a outro mundo, imaginário e longínquo. Mas quais são

os dispositivos desse encantamento e como eles são acionadas? Pois, de fato, com o passar dos séculos, essa preocupação toma formas diferentes e cria gêneros distintos, entre os o gênero fantástico ou a grande ópera oriental, visando nos maravilhar de forma extremamente variada. A Flauta Mágica se firma como tal, se colocando como uma obra única, e particularmente, livre. Utilizando de forma inteligente cada um desses estilos tão particulares.

Essa pista pedagógica propõe trabalhar no perfil dos personagens de *A Flauta Mágica* para entender como o estilo fantástico e o exótico convivem na obra. Será possível proceder da seguinte forma: listar os personagens encantados e reagrupá-los por categorias: personagens feéricos, personagens exóticos, personagens mistos, etc (antes da re-



presentação), entender como o mágico e o exótico se alimentam um do outro e participam de um encantamento ainda mais rico (antes da representação), procurar outros exemplos de obras que encenam essa variedade de personagens e observar os mecanismos do encantamento (antes da representação), observar o desenvolvimento cênico dos registros mágicos e exóticos a partir dos próprios personagens: figurinos, tipos de gestos, mas também cenários, luzes (durante e após a representação).

Assim é possível reagrupar os personagens segundo a dicotomia mágico/exótico. A Rainha da Noite, sua filha Pamina, as Três Damas e os Três Meninos constituindo o grupo de personagens mágicos, Tamino (jovem príncipe egípcio), Sarastro (grande sacerdote de Isis e Osiris) e Monostratos (um mouro) constituindo o grupo de personagens exóticos. No meio dessa divisão há Papageno e Papagena, personagens ambíguos que são mágicos por seu estatuto de meio-humanos, meio-pássaros, e também exóticos por seu temperamento exuberante!

Inclusive, a dualidade entre exótico e fantástico se sobrepõe a outras formas de dualidade, como o Bem e o Mal, a luz e as trevas, o conhecimento e o obscurantismo. Muitos níveis de leitura são possíveis, considerando que o duo mais simbólico é formado por Sarastro e a Rainha da Noite.

ANIMAÇÃO 2 - SIMBÓLICO E ESPIRITUAL

Objetivo: Compreender o alcance simbólico da obra, traçando uma ligação entre a obra dramática e a obra cênica. Ferramentas: Argumento de *A Flauta Mágica*; seleção de trechos no DVD. Palavras-chave: Simbólico, espiritualidade, franco-maçonaria, elementos cênicos.

Na ópera ou no teatro em geral, os elementos presentes no texto e/ou no palco, às vezes são apenas estéticos, mas também acontece, como em *A Flauta Mágica*, de alguns deles terem uma importância especial, se colocando como símbolos fortes a ponto de atribuir sentido ao enredo de forma particular. Se na ópera a utilização ou não desses elementos evocados no texto depende das escolhas do diretor, a maioria deles, no caso de *A Flauta Mágica*, parece ser insubstituível. Contudo, como cada direção propõe um olhar novo e único sobre a obra, esses objetos podem ter semblantes ou formas bem diferentes.

Nessa abordagem simbólica e espiritual da obra lírica, *A Flauta Mágica* constitui um caso particularmente rico. De fato, os elementos simbólicos são extremamente variados e podem ser reagrupados segundo as seguintes categorias: objetos, lugares, personagens, situações.

A partir desse guia pedagógica se poderá tomar rumos diversos, tendo como ponto de partida o libreto de *A Flauta Mágica:*

- observar e listar os elementos simbólicos de acordo com as categorias propostas, refletindo sobre o significado desses elementos em geral e seu sentido preciso na obra.
- imaginar substitutos capazes de ter um sentido próximo e igualmente claro.

• observar o uso dos elementos simbólicos na direção proposta e voltar a falar das impressões de cada um quanto à materialização concreta desses elementos e seu modo de utilização na direção.

OBJETOS: a flauta, os sinos, a serpente

A flauta de ouro que as Três Damas dão a Tamino em nome da Rainha da Noite (Ato I, cena 8) é uma flauta mágica, "talhada no fundo de um carvalho milenar" como Pamina vai explicar depois. Os sinos de prata que Papageno recebe (Ato I, cena 8) também são atributos mágicos. Finalmente, a serpente, que entra em ação na cena de abertura (Ato I, cena 1), simboliza as forças maléficas do reino da Noite do qual Tamino tenta escapar durante a história.

LOCAIS: o reino das trevas, os três templos, a pirâmide

Em oposição ao reino das trevas no qual a Rainha da Noite reina, três templos se erguem no reino de Sarastro: o templo da Sabedoria, o templo da Razão e o templo da Natureza (Ato I, cena 15). Finalmente, a pirâmide, que se ergue entre as árvores do palmeiral do reino de Sarastro (Ato II, cena 1), certamente constitui o símbolo maçônico mais eloquente.

PERSONAGENS: as três damas, os três meninos, os três sacerdotes

Além do número três, que tem forte conotação espiritual e é um número bastante simbólico na franco-maçonaria, essas três entidades compostas por três pessoas simbolizam, cada uma, uma etapa na trajetória iniciática de Tamino. As Três Damas se apresentam como as forças tentadoras e, por isso, maléficas (mundo subterrâneo, trevas), os Três Meninos como guias (mundo terrestre) e finalmente os Três Sacerdotes como seres superiores devido à sua sabedoria (mundo celeste).

OUTROS ELEMENTOS com grande poder simbólico

A prova da água e do fogo que Tamino deve enfrentar (Ato II, cena 28), a lua crescente simbolizando o domínio da Rainha da Noite, o sol simbolizando o domínio de Sarastro, etc.

CONTEXTO HISTÓRICO

A partir da obra também é possível fazer considerações sobre o contexto histórico do período em que a ópera foi composta: 1791, ou seja dois anos após a Revolução Francesa, quando foi proclamada a primeira Constituição.



PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL

Mais informações no site: www.operanatela.com



O ANEL DO NIBELUNGOPALÁCIO DAS ARTES DE VALÊNCIA



UM BAILE DE MÁSCARAS ÓPERA DO ESTADO DA BAVÁRIA



LA BOHÈME TEATRO ANTIGO DE TAORMINA



CARMENFESTIVAL AIX EN PROVENCE



OS CONTOS DE HOFFMANN ÓPERA NACIONAL DE PARIS



COSÌ FAN TUTTE ÓPERA NACIONAL DE PARIS



DON CARLOS ÓPERA NACIONAL DE PARIS



DON GIOVANNIFESTIVAL AIX EN PROVENCE



A DONZELA DA NEVE ÓPERA NACIONAL DE PARIS



A FAVORITA ÓPERA DO ESTADO DA BAVÁRIA



A FLAUTA MÁGICA TEATRO ALLA SCALA DE MILÃO



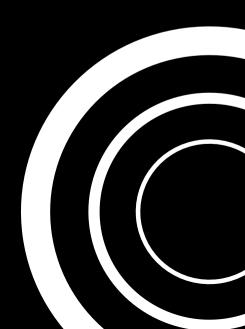
MACBETH
GRANDE TEATRO DO LICEU
DE BARCELONA



O NAVIO FANTASMA TEATRO REAL DE MADRI



RIGOLETTO
GRANDE TEATRO DO LICEU
DE BARCELONA





FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO

BONFILM

DIRECÃO E CURADORIA

Emmanuelle e Christian Boudier

CONSELHEIRO ARTÍSTICO e EDUCATIVO

Ricardo Prado

MASTERCLASS

Raphaël Sikorski

GERENCIAMENTO DO PROJETO

Paula de Oliveira

PROGRAMAÇÃO

Vinícius Fantezia

SUPERVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Yolanda Maria Barroso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Henrique Botkay

PRODUCÃO

Elodie Salmeron

Marcela Bittencourt

Morgane Catel

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Luzimar Valentim

ACÕES EDUCATIVAS

Larissa Bery

ASSISTENTE DE REDES SOCIAIS

Gustavo Rispoli

CONVIDADOS

Michelle Pistolesi

COORDENAÇÃO TÉCNICA E LEGENDAGEM

ETC FILMES Clayton Douglas

DESIGN GRÁFICO

Mate Lelo Design

VINHETAS

Daniel Lopes

WEBSITE

New Gosling

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Agência Febre

TRADUCÃO

Cristiana Brindeiro

PRODUCÃO GRÁFICA

Conta fios





































Apoio Cultural





